

## OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS ACERCA DA VIOLÊNCIA NA OBRA "OS QUE BEBEM COMO OS CÃES"

### *THE SOCIO-DISCURSIVE IMAGINARIES OF VIOLENCE IN THE NOVEL "OS QUE BEBEM COMO OS CÃES"*

*Francisca Jaqueline Ferreira de Oliveira<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar os imaginários sociodiscursivos acerca da violência na obra literária *Os que bebem como os cães*, escrita por Assis Brasil (2013). Para isso, utilizamos o arcabouço teórico-metodológico da Teoria Semiolinguística, focando no pressuposto teórico dos imaginários sociodiscursivos. Os resultados do nosso estudo mostram que, no romance analisado, os discursos sobre a violência partem da perspectiva de Jeremias, um preso político que vivencia inúmeras situações violentas. Nesse sentido, percebemos que a maioria desses discursos evoca imaginários sociodiscursivos estruturados em saberes de crença.

**Palavras-chave:** Discurso literário. *Os que bebem como os cães*. Imaginários sociodiscursivos.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the socio-discursive imaginaries concerning violence in the literary work *Os que bebem como os cães* (*Those Who Drink Like Dogs*), authored by Assis Brasil. The analysis is conducted within the theoretical and methodological framework of Semiolinguistic Theory, focusing on the theoretical premise of socio-discursive imaginaries. Our study's findings reveal that, within the examined novel, discourses on violence emanate from the perspective of Jeremias, a political prisoner who undergoes numerous violent situations. Consequently, we observe that the majority of these discourses evoke socio-discursive imaginaries structured around systems of belief.

**Keywords:** Literary discourse. "Os que bebem como cães". Socio-discursive imaginaries.

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura é um fato de linguagem e trabalha a língua em todas as suas possibilidades, portanto, o texto literário carrega diversas especificidades, possui múltiplos significados, revela aspectos sociais, culturais, ideológicos e dissemina ideias e representações sociais. Posto isso – é importante ressaltar que com o advento das teorias da Enunciação Linguística, dos estudos da Pragmática e da Análise do Discurso – existe uma nova apreensão do fato literário no qual, o dito e o dizer, o texto e o contexto são indissociáveis (Maingueneau, 2018). Nesse ínterim, levando em consideração essa nova apreensão sobre o fato literário, passamos a perceber que "a literatura constitui uma atividade; ela não apenas mantém um discurso sobre o mundo como produz sua própria presença nesse mundo", (Maingueneau, 2018, p. 44).

Partindo desses pressupostos acerca do texto literário, entendemos que ele tem um grande potencial interpretativo e pode ser fonte de diversos estudos científicos. Desse modo, no

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Letras - Universidade Federal do Piauí (UFPI)

presente trabalho, selecionamos como *corpus* a obra literária *Os que bebem como os cães*, escrita por Assis Brasil e publicada em 1975. Essa obra é um romance contemporâneo da literatura brasileira e apresenta o relato do cárcere de Jeremias, um preso político e sem memória que é duramente torturado na prisão e ao longo da narrativa vai recordando seu passado e tomando consciência de sua realidade.

A esse respeito, consideramos que essa obra literária demonstra diversas especificidades e é atravessada por suas condições de enunciação, dessa forma, optamos por estudá-la pelo viés da Análise do Discurso, utilizando como instrumental teórico a Teoria Semioliológica de Patrick Charaudeau (2005, 2017, 2021). Nosso principal objetivo é analisar os imaginários sociodiscursivos acerca da violência que emana dessa obra. Como objetivos específicos, pretendemos mostrar as circunstâncias de produção da obra *Os que bebem como os cães* (2013), caracterizando o contexto histórico em que esse romance foi publicado e pretendemos também classificar os imaginários sociodiscursivos que irradiam da obra, relacionando os saberes de crença e os saberes de conhecimento.

## 2. MARCO TEÓRICO

### 2.1. A TEORIA SEMIOLINGÜÍSTICA E OS SUJEITOS DA LINGUAGEM

A Teoria Semioliológica – doravante TS – surgiu na década de 1980, fruto da tese de doutorado do linguista francês Patrick Charaudeau (1939), professor emérito da Universidade de Paris-Nord (Paris XIII) e fundador do Centre d'Analyse du Discours (CAD) dessa mesma universidade. Os postulados da TS foram posteriormente publicados na obra *Langage et Discours* em 1983. De acordo com Machado (2006), pode-se afirmar que Charaudeau, ao introduzir a Teoria Semioliológica (TS), tinha o intuito de reintegrar o discurso como objeto de estudo na academia francesa. O teórico observou que, após a morte de Pêcheux, e em virtude da ênfase deste filósofo em temas como história, memória, formações discursivas e ideologia, a Análise do Discurso (AD) como disciplina havia perdido prestígio no meio acadêmico.

Assim, ao lançar a TS como corrente da AD, Charaudeau (2005) explica o motivo de a Teoria ter ganhado esse nome; *semio* vem de *simiôsis*, evocando o fato da significação se construir por meio da relação forma-sentido, uma vez que o termo linguístico destaca a matéria principal da forma em questão, as línguas naturais. Charaudeau (2005) também aponta que na TS, diferentemente da Análise do Discurso Pechetiana, o sujeito é intencional e apresenta um projeto de influência social em um determinado quadro de ação, ou seja, abandona-se a noção de sujeito assujeitado proposta por Pêcheux e volta-se para o sujeito histórico com suas idiossincrasias e crenças. Para Machado (2006), é perceptível que a TS é uma teoria multidisciplinar que carrega influências de vários campos do conhecimento como: a Psicologia Social, a Teoria da Enunciação, a Pragmática e a Sociologia. Assim, a autora destaca que a TS é extremamente rica, pois integra conceitos de vários domínios do conhecimento.

Um dos principais postulados da TS é o ato de linguagem, que para Charaudeau (2019), é o resultado de uma dupla dimensão: a dimensão explícita e a implícita. O autor propõe a seguinte equação:  $A \text{ de } L = [\text{Explícito} \times \text{Implícito}] \text{ e } C \text{ de } D$ , em que  $C \text{ de } D$  são as circunstâncias do discurso, diretamente ligadas ao valor implícito do ato de linguagem. Portanto, as circunstâncias do discurso fazem parte do contexto extralinguístico do ato de linguagem e é através dessas circunstâncias que os protagonistas do ato de linguagem partilham seus saberes e suas práticas sociais, construindo os possíveis sentidos do ato de linguagem. Por conseguinte, Charaudeau (2019) define as circunstâncias do discurso como o conjunto de saberes supostos que circulam entre os protagonistas de linguagem, isto é, saberes supostos a respeito do mundo e saberes supostos sobre os pontos de vista recíprocos.

Em vista disso, Charaudeau (2019) estabelece que o ato de linguagem é um ato interenunciativo entre quatro sujeitos. Esses sujeitos são chamados sujeitos de linguagem e são responsáveis pela produção e pela interpretação do discurso, estando ligados por um duplo circuito: o circuito externo, que contém o sujeito comunicante (EUc) e o sujeito interpretante (TUi); e o circuito interno, que contém o sujeito enunciador (EUe) e o sujeito destinatário (TUD). Assim, o (EUc) é aquele que inicia o processo de produção e é testemunha de um determinado real, construindo um destinatário ideal – chamado de (TUD) – para seu ato de linguagem. O (TUi) é um ser externo ao ato de enunciação produzido pelo (EUc), ele é o sujeito responsável pelo processo de interpretação; tanto o (EUe) quanto o (TUD) são entidades transparentes que só existem no e pelo ato de produção e interpretação, pois estão inscritos no ato de linguagem pela configuração particular desse ato.

## 2.2. OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS

Para elaborar a designação de imaginários sociodiscursivos, Charaudeau (2017) utiliza como referência os estudos do psicólogo social Serge Moscovici (1978), intelectual que desenvolveu o conceito de representação social. Nessa perspectiva, de acordo com Moscovici (1978, p. 44), “a representação social constitui uma das vias de apreensão do mundo concreto, em seus alicerces e em suas consequências”. Assim, Moscovici (1978) considera as representações sociais como: ilusórias, contraditórias e verdadeiras; para o autor, as representações sociais são um ponto de partida para se analisar as ações sociais, pois retratam uma possível realidade das pessoas que as representam. Esse conceito dado por Moscovici (1978) inspirou Charaudeau (2017) a criar a concepção de imaginário como uma forma de apreensão do mundo que constrói significação sobre seus objetos, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos.

Segundo Charaudeau (2017): “Os imaginários resultam de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se depositam na memória coletiva” (Charaudeau, 2017, p. 578). Portanto, os imaginários possuem uma dupla função: a criação de valores e a justificação de ações. Nesse sentido, Monnerat

(2012) afirma que os imaginários sociodiscursivos são de natureza cognitivo-discursiva, por isso, veiculam imagens mentais pelo discurso e podem se configurar explicitamente por meio de palavras, expressões ou implicitamente através de alusões. É importante destacar que, de acordo com Charaudeau (2017), os imaginários sociodiscursivos estão ancorados em dois tipos de saberes: os saberes de conhecimento e os saberes de crença. Os saberes de conhecimento tendem a estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo; essa verdade existe fora da subjetividade do sujeito, ou seja, é um fato irrefutável. Já os saberes de crença se relacionam com avaliações, julgamentos e apreciações a respeito de determinados fenômenos, eventos e seres do mundo, ou seja, nos saberes de crença, a subjetividade do sujeito se manifesta.

Dessa forma, em resumo, podemos afirmar que os saberes de conhecimento são compreendidos como aqueles que estabelecem uma verdade sobre determinado fenômeno do mundo, sem considerar a subjetividade do sujeito. Vale mencionar que esse tipo de conhecimento é sempre enunciado por um sujeito que se pretende neutro, sem julgamentos, sendo abstrato e impessoal; assim, esses saberes se relacionam com a ciência e com o que Charaudeau (2017) chama de “a ordem das coisas”. O autor também aponta que a garantia desse tipo de saber é a possibilidade de verificação. Destarte, os discursos produzidos com base nos saberes de conhecimento não são discutíveis, pois se impõem como verdade objetiva. Nesse sentido, os saberes de conhecimento se dividem em dois tipos: o saber científico e o saber de experiência.

O saber científico é aquele que constrói explicações sobre o mundo e está na ordem da razão científica. Portanto, é baseado em procedimentos de observação, experimentação e cálculo, posicionando-se na esfera do provado. Isso significa que os saberes científicos passam por uma série de experimentos, procedimentos, estudos aprofundados e operações matemáticas. Eles apresentam como garantia a possibilidade de que qualquer pessoa, ao seguir os mesmos procedimentos e experimentos, chegue ao mesmo resultado. Dessa forma, o saber científico se qualifica como indiscutível, já que pode sempre ser provado.

Por sua vez, o saber de experiência se caracteriza como aquele que também constrói explicações sobre o mundo, mas sem garantias de ser provado, pois não possui procedimentos específicos e nem instrumentos. Assim, todo indivíduo pode se valer de um saber de experiência, pois, nesse caso, o que prevalece é a experimentação, ou seja, se uma pessoa experimenta determinada situação, ela pode supor que qualquer outra pessoa que passe pela mesma situação terá a mesma experiência. Dessa forma, os saberes empíricos sobre o mundo estão atrelados ao saber de experiência, sustentados por discursos de causalidade que podem até contradizer os saberes científicos.

Por outro lado, no âmbito dos saberes de crença, a relação não é com o conhecimento, mas com as apreciações, avaliações e julgamentos sobre os fenômenos, eventos e seres do mundo. Com isso, Charaudeau (2017, p. 582) afirma que “a crença procede do olhar que o sujeito tem sobre a legitimidade dos eventos e as ações do homem”. Assim, nos saberes de crença não é possível existir uma verificação, já que esse tipo de saber advém de avaliações e

juízos de cunho subjetivo. Nesse processo de construção dos saberes de crença, temos uma divisão entre dois tipos de saberes: o saber de revelação e o saber de opinião.

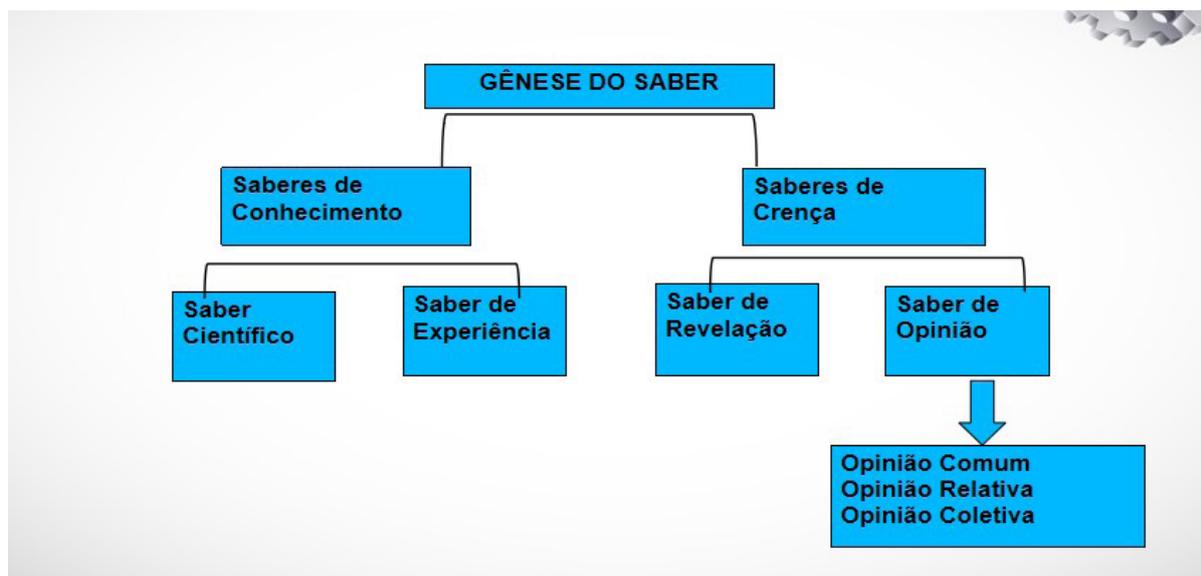
O saber de revelação supõe a existência de um lugar de verdade exterior ao sujeito, mas essa verdade não pode ser provada nem verificada e exige do sujeito uma adesão total. Para que haja uma justificativa para a adesão do sujeito, devem existir textos que testemunhem essa verdade transcendental. Esses textos, normalmente, se apresentam como sagrados e desempenham um papel de referência absoluta de valores aos quais o sujeito deve aderir. Estão atreladas ao saber de revelação as doutrinas religiosas ou profanas, as ideologias e as seitas.

Os saberes de opinião nascem quando o sujeito toma partido e se engaja em um juízo sobre fatos do mundo. Nesse tipo de saber, é o sujeito que se impõe ao mundo, mas não existe um discurso de referência absoluto; o que encontramos é um universo de saber no qual existem inúmeros juízos acerca dos fenômenos da sociedade. Nesse sentido, destaca-se que “a opinião resulta de um movimento de apropriação, da parte do sujeito, de um saber dentre os saberes circulantes nos grupos sociais” (Charaudeau, 2017, p. 584). Assim, esse saber é ao mesmo tempo pessoal e compartilhado, e por isso não pode ser discutido. Entretanto, mesmo que os saberes de opinião apareçam sob uma enunciação generalizante, como nos provérbios – nas máximas e nos ditados – o sujeito sabe que eles podem ser discutíveis, pois sempre existe um contraprovérbio para um provérbio. Outro aspecto dos saberes de opinião é que eles se dividem em três categorias: opinião comum, opinião relativa e opinião coletiva.

A opinião comum se caracteriza por ser generalizante e largamente compartilhada. Normalmente, o sujeito que a enuncia diz: “Eu penso como todo mundo que...”; esse tipo de opinião está atrelado a ditados, provérbios e enunciados de valor geral. Assim, o sujeito falante não precisa reivindicar uma posição particular, pois se apropria do juízo da crença difundida. Por outro lado, a opinião relativa tem um aporte mais limitado, pois emana de um sujeito individual ou de um grupo restrito e é um juízo circunstancial relativo a um grupo e à situação em que é emitido. Nesse tipo de opinião, o sujeito falante deve expressar sua adesão ou oposição, ou seja, é obrigado a tomar partido a respeito da situação. Logo, Charaudeau (2017, p. 585) ressalta que “a opinião relativa se inscreve desde seu surgimento em um espaço de discussão, não no interior do grupo, mas frente a frente com outros grupos”. Nessa perspectiva, o sujeito que emite uma opinião relativa enuncia falando coisas como: “Eu penso como quem pensa...”, isto é, esse tipo de opinião se exprime sempre dentro da discussão.

Por fim, a opinião coletiva é aquela que um grupo exprime sobre outro grupo e consiste em confinar o outro grupo a uma categoria definitiva em seu essencial; é uma opinião de forte valor indenitário. Nesse tipo de opinião, é emitido um juízo sobre um determinado grupo, excluindo-se desse grupo e deixando implícito que somente aquele grupo possui uma determinada característica ou condição. A figura 1 (abaixo) apresenta um diagrama com a gênese dos saberes.

Figura 1: Diagrama da gênese dos saberes



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

### 3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta parte do trabalho, trataremos da metodologia utilizada para o desenvolvimento das análises propostas. Assim, é importante destacar os passos metodológicos que seguimos para realizar esta pesquisa. Primeiramente, escolhemos para o *corpus* do estudo, a obra *Os que bebem como os cães* (2013) de Assis Brasil, um dos grandes escritores da literatura piauiense e da literatura nacional contemporânea. Também é importante ressaltar que a obra *Os que bebem como os cães* (2013) foi escrita e publicada em um contexto de Ditadura Militar, no qual era comum o uso da repressão e da violência para silenciar os opositores políticos. Desse modo, a obra retrata algumas cenas de violência que nos permitem analisar os imaginários sociodiscursivos acerca desse fenômeno que emana do romance.

Depois de escolher o *corpus*, fizemos um levantamento bibliográfico sobre a teoria que norteou nossas análises, buscando livros e artigos científicos que abordassem a Teoria Semiolinguística; posteriormente, realizamos uma leitura criteriosa da obra *Os que bebem como os cães* (2013), buscando as cenas de violência retratadas. Por fim, executamos as análises dos dados à luz da Teoria Semiolinguística, focando principalmente no pressuposto teórico dos imaginários sociodiscursivos.

Ademais, é importante destacar que o presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, pois as análises foram feitas com base em interpretações de cunho teórico, mas também subjetivo. Quanto aos objetivos, consideramos nossa pesquisa como descritiva, pois propomos uma descrição e aprofundamento da realidade estudada.

## 4. ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1. AS CIRCUNSTÂNCIAS DE PRODUÇÃO DO DISCURSO: O AUTOR E A OBRA

Para realizarmos a análise de produção e de lançamento do romance *Os que bebem como os cães* (1975), inicialmente, é importante apresentar o autor dessa obra. Francisco de Assis Almeida Brasil foi escritor, jornalista, professor, crítico literário, membro da Academia Piauiense de Letras e da Academia Parnaibana de Letras. Assis Brasil nasceu em Parnaíba – estado do Piauí – no dia 18 de fevereiro de 1932, e morreu em 28 de novembro de 2021. Desde muito jovem, Assis Brasil já manifestava suas predileções pela arte. Com o objetivo de se tornar escritor, ele foi morar no Rio de Janeiro em 1949 e começou a trabalhar em cargos na área administrativa. Mais tarde, o escritor se tornou redator do setor de propaganda das Casas Pernambucanas enquanto cursava Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) (Magalhães; Rocha, 2012).

No ano de 1953, Assis Brasil com 21 anos, publicou seu primeiro livro, intitulado *Verdes Mares Bravios*. Essa primeira obra do escritor foi publicada no Rio de Janeiro pela editora Aurora. De acordo com o próprio Assis Brasil, em entrevista concedida à revista *Sapiência* em 2007, todas as suas obras – inclusive as infanto-juvenis – giram em torno da denúncia social. No entanto, esse aspecto de crítica social está mais visível em sua literatura para adultos, sobretudo na obra *Beira rio, beira vida* (1965), na qual o autor retrata a vida de homens e mulheres pobres que vivem às margens do rio Parnaíba; e na obra *Os que bebem como os cães* (1975), em que o autor retrata as violências sofridas por um preso político. Sua literatura infanto-juvenil também traz temas de denúncia social, pois o autor explora questões como a preservação da natureza, a demarcação das terras indígenas, o cotidiano de crianças faveladas e a migração nordestina.

Posto isso, a obra de Assis Brasil é classificada por Leopoldino (1985) a partir dos temas desenvolvidos pelo piauiense, tomando posteriormente duas direções. Na primeira direção, estão as obras que focalizam nos problemas que afligem o homem contemporâneo, habitante de grandes centros urbanos e fruto de uma sociedade desumanizada; já na segunda direção, estão as obras que enfocam problemas que afetam o ser humano enquanto habitante da província e do meio rural. Dessa forma, pode-se afirmar que a obra de Assis Brasil não se resumiu a explorar apenas temas regionais; o escritor piauiense também se lançou a produzir textos literários que exploraram outras temáticas. De acordo com Carvalho (2021), a literatura assisiana tratou de temas genuinamente locais, mas também se dedicou a abordar temáticas universais.

Apesar de ter alcançado destaque no cenário nacional, ele não perdeu o vínculo com sua terra e sua gente, retratando o Piauí – por dentro e por fora – em alguns de seus livros. No entanto, o presente trabalho não irá focar em sua obra de cunho regionalista; focaremos no romance *Os que bebem como os cães* (2013), integrante do denominado Ciclo do Terror, composto por obras que tratam de temas universalizantes. Destarte, a obra *Os que bebem como os cães* (2013) é um romance contemporâneo da literatura brasileira que apresenta o relato do

cárcere de Jeremias, um preso político e sem memória que sofre diversas violências na prisão e, ao longo da narrativa, vai recordando seu passado e tomando consciência da sua realidade.

Adentrando na análise das condições históricas e sociais em que essa obra foi produzida, cabe ressaltar que o romance *Os que bebem como os cães* (2013) emergiu em um contexto de Ditadura Militar no Brasil. De acordo com Carlos Fico (2022), a Ditadura Militar brasileira foi uma época muito violenta e repressiva. O historiador ainda explica que a violência já estava presente desde os primeiros momentos após o golpe de 1964, e, a partir de 1968, intensificou-se, institucionalizando um verdadeiro aparato de repressão política com a montagem de um sistema nacional de espionagem, um departamento de propaganda, um departamento de censura política e um tribunal de exceção para o julgamento de pessoas supostamente implicadas em corrupção. Carlos Fico (2022) aponta que, durante o período da Ditadura Militar, a violência se manifestava de diversas formas, como prisões, tortura, assassinatos e “desaparecimentos”.

Além disso, com a formalização da censura durante a Ditadura Militar, ocorriam fiscalizações e controle de informações e opiniões; ademais, os meios de comunicação encontravam entraves para a livre expressão. Nessa época, a literatura passou a ser um terreno explorado por muitos escritores que encontraram na ficção a possibilidade de escrever sobre as inúmeras injustiças e violências que ocorriam na Ditadura e que não podiam ser publicadas nos jornais em detrimento das restrições.

Cabe ressaltar que, em 1975, no ano de publicação do romance *Os que bebem como os cães*, o país estava sob o comando do General Ernesto Geisel. Conforme explicita Rezende (2013), o grupo que comandava a Ditadura Militar nos anos de 1975 e 1976 buscava legitimidade para suas ações, estratégias e medidas através de seu ideário de democracia. Assim, a ideia de austeridade democrática passou a justificar as ações violentas do Regime Militar contra todas as manifestações que contestavam o estado das coisas vigentes. A tortura e a repressão persistiam; no entanto, o presidente Geisel empenhava-se em desmenti-las através de seus pronunciamentos sobre o esforço do governo para eliminar as tensões e sedimentar a proposta de distensão política e democrática.

Diante desse contexto histórico e político, segundo Pellegrini (2005), não há como negar que a violência assumiu o papel de protagonista destacada na ficção brasileira urbana a partir dos anos 60. Dessa forma, o romance *Os que bebem como os cães* (2013) é um exemplo de narrativa ficcional que aborda a temática da violência durante a Ditadura Militar brasileira. A obra apresenta a trajetória de Jeremias, um professor de Literatura e Arte que é preso por conta de suas posturas ideológicas contrárias ao regime político vigente. Dentro da prisão, ele perde a memória e a consciência da sua realidade, passando a vivenciar diversas situações violentas, que vão desde o silenciamento à tortura física e psicológica. Nesse ínterim, o romance *Os que bebem como os cães* (2013) é uma obra literária que, de forma indireta, pretende representar de maneira verossímil as violências do Regime Militar.

Além disso, esse volume pertence à tendência do neorealismo jornalístico, que, de acordo com Schollhammer (2013), foi uma tendência literária em reação ao Ato Institucional 5 (AI-5), que impôs um regime de censura à liberdade de expressão. Por conta disso, alguns profissionais da imprensa voltaram-se para o romance documentário, encontrando na ficção, um meio de retratar os fatos reais sobre a violência criminosa, driblando assim as restrições impostas pela censura do país nas redações dos jornais.

## 4.2. OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS ACERCA DA VIOLÊNCIA NA OBRA *OS QUE BEBEM COMO OS CÃES* (2013)

Para realizarmos as análises dos imaginários sociodiscursivos acerca da violência, é essencial refletirmos sobre como se dá a narração do romance *Os que bebem como os cães* (2013). Observamos que Assis Brasil (2013) utiliza a técnica da falsa terceira pessoa para desenvolver a narrativa através de um personagem que perdeu a memória. Essa técnica consiste em alternar entre mostrar o protagonista como narrador e adotar o ponto de vista de um narrador onisciente. Assim, o leitor se depara, ao longo da obra, com uma oscilação entre narrativas em terceira e em primeira pessoa, sempre sob a ótica de Jeremias, o protagonista.

Diante disso, para analisarmos em quais imaginários sociodiscursivos o discurso sobre a violência se apoia na obra mencionada, daremos ênfase às cenas de violência descritas no romance. Nosso objetivo principal é identificar os tipos de saberes que legitimam o discurso acerca da violência em *Os que bebem como os cães* (2013).

### 4.2.1. SABERES DE CONHECIMENTO

Iniciaremos as nossas discussões pela identificação, classificação e análise dos saberes de conhecimento. É importante salientar que esses saberes são compreendidos como aqueles que estabelecem uma verdade sobre um determinado fenômeno do mundo, sem levar em consideração a subjetividade do sujeito. Partindo desse conceito, selecionamos como exemplo o seguinte recorte:

De teto também não esperava coisa alguma, mas o quarto — era mais um quarto do que uma cela comum — estava frio, embora abafado, um tanto úmido, cheirando a mofo. E, se estava frio, úmido, cheirando a mofo, era porque recebia, a qualquer hora, chuva, vento ou algum raio de sol perdido (Brasil, 2013, p. 8).

Nessa cena, temos o narrador onisciente relatando como Jeremias foi colocado dentro de uma cela; assim, o narrador relata a percepção que o preso teve do lugar. Nessa perspectiva, o narrador destaca que Jeremias percebeu as condições do local e concluiu que ele já havia recebido chuva, vento e sol, devido ao mofo formado por fungos microscópicos que se desenvolvem em ambientes umedecidos e com pouca circulação de ar. Por conseguinte, ao perceber o meio em que estava aprisionado, Jeremias se vale de um saber de conhecimento científico para fazer um

juízo sobre o lugar, evidenciando que, apesar do estado de letargia e falta de memória, é um sujeito que teve contato com conhecimentos científicos em seu passado misterioso.

Outra passagem que demonstra um argumento ancorado em um saber de conhecimento científico é a que o narrador relata como Jeremias descobre que está sendo intoxicado: “Algo entorpecia os seus sentidos — essa era a realidade. Ninguém lhe injetara nada, apenas bebia aquela água de gosto comum e aquela sopa, nada mais. Um dos líquidos estava o intoxicando, dopando” (Brasil, 2013, p. 68). Nessa passagem, observamos o uso de palavras pertencentes ao discurso científico, como “intoxicando”, “entorpecendo” e “dopando”. Sob essa ótica, nesse recorte, o discurso do narrador onisciente se assenta em saberes de conhecimento científico das áreas de Química e de Biologia, pois existem substâncias químicas que provocam efeitos biológicos nos seres humanos. Nessa cena, o uso do conhecimento científico é feito para mostrar que, no romance *Os que bebem como os cães* (2013), os prisioneiros, além de serem torturados fisicamente, também são expostos a substâncias químicas alucinógenas que os fazem perder a memória e os deixam em situação de letargia.

No que diz respeito aos saberes de conhecimento de experiência, o que prevalece é a experimentação, sem o comprometimento com a comprovação científica. A partir dessa perspectiva, a seguir, observamos um discurso ancorado em saber de conhecimento de experiência:

Bem ali, bem ali, vai aparecer um jato de luz, refletindo o metal de uma circunferência escura. E poderá ver a mão enorme, a manga amarelada da farda, a graduação militar no punho e pensará que se trata de um sargento ou de um cabo — duas ou três listras negras em ângulo (Brasil, 2013, p. 27).

No trecho acima, percebemos que o narrador onisciente relata a reação de Jeremias ao perceber que uma pessoa vem deixar sua comida. Observamos que o personagem deduz que essa pessoa que traz sua comida é um cabo ou um sargento por conta das vestes. Logo, temos um discurso ancorado em um saber de conhecimento, mais especificamente, um saber de experiência, pois os saberes de experiência se caracterizam por construir uma explicação sobre o mundo, sem garantia de ser provado por um método científico, já que não possuem procedimentos particulares de análise e nem instrumentos de medição. Nessa situação, Jeremias sabe que a pessoa que deixa sua comida pode ser um sargento ou um cabo porque, a partir de sua experiência individual, sargentos e cabos usam vestimentas específicas. Contudo, devido à sua falta de memória e à sua condição de prisioneiro, ele não consegue comprovar esse fato, já que não sabe onde se encontra e nem o motivo do seu encarceramento.

#### 4.2.2. SABERES DE CRENÇA

No tocante aos saberes de crença, retomando nosso aporte teórico, podemos dizer que — nesses saberes — a relação não é com o conhecimento, mas com as apreciações, as avaliações,

os julgamentos sobre os fenômenos, os eventos e os seres do mundo. A crença procede do olhar que o sujeito tem sobre os eventos e as ações do homem. Cabe destacar que, nesse tipo de saber, o olhar subjetivo do sujeito é levado em consideração.

A partir dessa conceituação, temos como exemplo de imaginário ancorado nesse saber o seguinte recorte: “As duas filas foram empurradas pelos guardas até a beira do tanque. Eles quase não diziam nada: uma ou outra ordem entre si ou alguns murmúrios. Mas por que o esparadrapo na boca dos presos? Os guardas têm medo de nossas queixas ou de nossas próprias vozes.” (Brasil, 2013, p. 11). Nesse trecho, percebemos que o narrador nos mostra os questionamentos que o personagem Jeremias faz ao vivenciar uma situação violenta, pois os presos, amordaçados, estão sendo levados para o pátio da prisão e sofrendo violência física por parte dos guardas.

Assim, ao proferir seu discurso, Jeremias se vale de um saber de crença da categoria opinião relativa, visto que, ao perceber-se nesta situação, o personagem se questiona sobre a violência que está vivenciando. Ele julga e avalia a situação a que está sendo submetido por meio de perguntas como: “Por que os presos precisam usar os esparadrapos?” e “Os guardas têm medo das vozes dos presos?”, as perguntas de Jeremias refletem sua inquietação e revelam que seu discurso sobre essa situação de violência física e psicológica se ancora em um saber de crença, já que esses saberes se relacionam com avaliações e julgamentos a respeito de determinados fenômenos, eventos e seres do mundo. Também percebemos que esse saber de crença é um saber de opinião relativa, já que emana de apenas um indivíduo – Jeremias – e é um julgamento circunstancial e subjetivo relativo a uma única situação.

Outra passagem que apresenta um discurso que utiliza saberes de crença de opinião relativa é: “Não gritariam. Daquela vez, nenhum iria gritar – eles estavam se entregando, amolecendo com as ameaças – a ameaça de ficarem sem a refeição única, sem o prato fumegante de sopa” (Brasil, 2013, p. 40). Nesse fragmento, o personagem Jeremias relata como os outros presos se comportaram diante da ameaça de ficarem sem refeição; dessa maneira, percebe-se que Jeremias julga a situação e revela-se contrário à atitude dos outros prisioneiros, que, por medo de ficarem sem a refeição, não estavam mais gritando quando eram levados para o pátio da prisão. Nesse sentido, percebe-se que o personagem fica indignado com a falta de coragem de seus companheiros de prisão, pois esses já não se revoltam mais contra as atrocidades que sofrem.

Além dos imaginários sociodiscursivos ancorados nos saberes de crença de opinião relativa, também encontramos – em nosso *corpus* – discursos sobre a violência que se assentam em saberes de crença de opinião coletiva. Por exemplo: “Por que eles não falam? Por que não dizem alguma coisa, qualquer palavra? Estarão também amordaçados? Por que temem tanto o grito dos homens? As botas são duras e marciais, de gente acostumada com a guerra ou com a violência.” (Brasil, 2013, p. 27). Nesse recorte, observamos que, mais uma vez, Jeremias se questiona sobre a situação de violência que está vivendo. Nesse caso, o personagem está ruminando sobre o motivo de os guardas não falarem e de terem medo do grito dos presos.

Notamos também que, em seu discurso, Jeremias diz que os guardas são pessoas acostumadas com as guerras. Assim, percebe-se que o personagem está avaliando o comportamento dos guardas e refletindo sobre as possíveis motivações para esse comportamento. Nessa perspectiva, observamos que esse discurso de Jeremias se ancora em um saber de crença de opinião coletiva, visto que ele se identifica como parte do grupo dos prisioneiros e exprime uma opinião sobre outro grupo, os guardas. Portanto, ele confere ao grupo citado um caráter violento, pois, na realidade que ele vivencia, são os guardas que exercem a violência contra os prisioneiros.

O seguinte trecho também apresenta um imaginário ancorado em um saber de opinião coletiva: “Outro prisioneiro morto – a única saída, e os guardas não pareciam se importar que aquilo acontecesse, que as cenas se repetissem do outro lado” (Brasil, 2013, p. 94). Nesse trecho, constatamos que Jeremias, ao ver que os presos estavam cometendo suicídio do outro lado do muro, se mostra indignado com a crueldade dos guardas, que não faziam nada para impedir e pareciam não se importar com aquelas mortes. Nesse sentido, observamos que o personagem evoca um imaginário dos guardas como insensíveis e cruéis. Assim, esse imaginário se sustenta em um saber de crença de opinião coletiva, já que parte de uma avaliação subjetiva de Jeremias percebe seu pertencimento ao grupo dos homens presos, que estão sendo violentados e injustiçados, e caracteriza o grupo dos guardas como homens cruéis e insensíveis, pois eles não se importam com os presos que cometem suicídio.

Passaremos agora a analisar os saberes de crença de revelação. Podemos dizer que esses saberes são aqueles que supõem a existência de um lugar de verdade exterior ao sujeito; porém, essa verdade não pode ser comprovada, assim, ela exige dos sujeitos uma adesão total, sem margem para questionamentos. Em nossas análises, levaremos em consideração um postulado de Procópio (2009), uma vez que a autora propõe que os argumentos que se pautam pela ética e pela moral também podem ser classificados como pertencentes ao saber de crença de revelação, pois, para serem legitimados, é preciso que haja uma adesão dos sujeitos a tais explicações que não podem ser comprovadas.

Posto isso, no seguinte excerto, temos um exemplo de um imaginário que se utiliza saberes de crença de revelação: “Estava certo disso agora: o grito, o seu grito seria o seu sacrifício pelos outros homens, por si próprio, embora tivesse que pagar na própria carne a audácia, por querer mostrar que não tinha medo e podia se revoltar” (Brasil, 2013, p. 82). Nessa passagem, o narrador relata a vontade de Jeremias em demonstrar sua revolta através do grito, mesmo que isso custasse um castigo físico. O personagem enxerga o ato de gritar como um sacrifício pelos outros homens e por si próprio, visto que, na concepção de Jeremias, não é justo passar por tantas situações de violência e tortura e não poder externar sua revolta. Nessa abordagem, o personagem se mostra convicto de seus valores morais e éticos e, por mais que sofresse algum tipo de represália, seria moralmente correto se mostrar revoltado com aquela situação. Portanto, essa percepção de Jeremias parte de um saber de crença de revelação, em razão do mantimento fidedigno aos seus valores morais e disposição a se sacrificar por eles.

Ainda sobre o saber de crença de revelação, no seguinte fragmento também podemos percebê-lo: “Era a desistência maior: o suicídio. Talvez a única maneira de sair dali, mas não a maneira de salvar sua própria dignidade, a sua própria condição de homem” (Brasil, 2013, p. 85). Nessa passagem, Jeremias reflete sobre a morte de um dos prisioneiros que cometeu suicídio esfregando os pulsos no muro do pátio da prisão. Assim, analisamos que o discurso do personagem se ancora em um saber de crença de revelação; Jeremias entende que a morte por meio do suicídio, apesar de ser a única maneira de escapar daquela prisão, não preservava a condição humana, ou seja, o personagem, por conta de seus valores éticos, julga que o suicídio degrada a condição humana e é uma morte indigna. Portanto, Jeremias adere à explicação de que tirar a própria vida é algo inadmissível, e essa explicação se vale de um discurso do Cristianismo, já que, para as religiões cristãs, o indivíduo que tira a própria vida não alcança o reino de Deus.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto literário de Assis Brasil engloba diversas obras engajadas, como *Os que bebem como os cães* (2013), publicada durante a Ditadura Militar brasileira. Inserido na tendência do neorealismo jornalístico, esse romance retrata a dura realidade de um preso político submetido a constantes atos de violência. Este estudo teve como objetivo analisar os imaginários sociodiscursivos sobre a violência presentes no escrito, relacionando saberes de crença e de conhecimento; especificamente, buscamos compreender as circunstâncias de produção do romance e identificar os principais imaginários sociodiscursivos sobre a violência, analisando como esses imaginários se relacionam com os saberes de crença e conhecimento.

Ao analisar a obra sob a perspectiva de Jeremias, percebemos que os discursos sobre a violência evocam imaginários sociodiscursivos ancorados tanto em saberes de conhecimento quanto em saberes de crença. No entanto, predominam os saberes de crença, especialmente as opiniões e julgamentos do personagem sobre as situações de violência vivenciadas. Essa predominância se justifica pela narrativa em primeira pessoa, que revela a subjetividade do protagonista.

Os imaginários sociodiscursivos mobilizados na obra revelam a complexidade da experiência da violência, abordando temas como tortura, solidão, maldade humana, silenciamento e suicídio. A análise da obra demonstra a importância de considerar os saberes de crença e de conhecimento na construção dos discursos sobre a violência.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Francisco de Assis Almeida. *Os que bebem como os cães*. Teresina. Editora Nova Aliança, 2013.

CARVALHO, Ederson Dias de. *O espaço ficcional em Os que bebem como os cães, de Assis Brasil: um estudo sobre a topoanálise*. 2021. 131 f. Dissertação (Programa de Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. *Entrepalavras*, v. 7, n. 1, p. 571-591, 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/viewFile/857/433>. Acesso em: 20 dez. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. (org.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 11-27, 2005.

FICO, Carlos. *História do Brasil Contemporâneo*. São Paulo. Contexto, 2022.

LEOPOLDINO, Maria Solange Almeida de Deus. *Beira Rio Beira Vida de Assis Brasil: no discurso regionalista (des)articulado na falta da prostituta o (des) velamento da violência social da existência marginalizada*. Florianópolis, 1985. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Santa Catarina, 1985.

MACHADO, Ida Lúcia. Algumas reflexões sobre a teoria semiolinguística. *Letras & Letras*, v. 22, n. 2, p. 13-21, 2006. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as>. Acesso em: 16 dez. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. São Paulo: Contexto, 2018.

MONNERAT, Rosane Santos Mauro. As herdeiras de uma evolução: imaginários sociodiscursivos e estereótipos. *Cadernos do CNLF*, v. 16, n. 04, p. 306-316, 2012. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xvi\\_cnlf/tomo\\_1/026.pdf](http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/026.pdf). Acesso em: 20 dez. 2023.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PELLEGRINI, Tânia. As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea. *Crítica marxista*, v. 2, n. 21, p. 132-153, 2005.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. Os imaginários sócio-discursivos sobre o homem do campo difundidos pelos quadrinhos de Chico Bento. *Revista Investigações*, v. 22, n. 2, p. 181-203, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/1356/0>. Acesso em: 10 dez. 2023.

REZENDE, Maria José de. *A Ditadura Militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade 1964-1984*. Londrina. EDUEL. 2013.

SAPIÊNCIA. Assis *Brasil: um piauiense que transformou a literatura brasileira*. Teresina, FAPEPI, n. 11, p. 6-7, mar. 2007.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *A cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.